

OLERÍCOLAS

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O Paraná tem na produção de grãos, cereais e proteínas animais a pujança de seus negócios rurais, gerando em 2023 um Valor Bruto da Produção/VBP de R\$ 197,8 bilhões de renda (dados preliminares), provenientes de uma miríade de atividades agropecuárias. A participação da olericultura frente a potência do campo estadual encontra uma parcela de 3,5% do montante do VBP acima, quando consideramos as 51 espécies cultivadas, e que em 2022 foi de R\$ 6,8 bilhões para o segmento em tela.

O Sudoeste do Estado, considerado aqui nas regiões administrativas dos Núcleos Regionais de Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Pato Branco desta SEAB, é um polo de 42 municípios onde a produção de olerícolas está focada em 39 espécies exploradas, indicando a possibilidade de diversificação da atividade. A região representa 4,1% da área, 4,3% da produção e 3,8% do VBP dos produtos da horta, que no âmbito estadual tem números de 117,0 mil hectares (ha), proporcionando 3,0 milhões de toneladas distribuídos em 23 NR's. Assim, o Sudoeste em 2022 colheu 128,2 mil toneladas em 4,8 mil ha, cujo

montante financeiro bruto se estabeleceu em R\$ 257,0 milhões.

A batata responde por 38,7% do VBP da olericultura regional, enquanto a mandioca (consumo), o tomate, a batata doce e a alface absorvem 13,0%, 9,1%, 6,7% e 6,1% respectivamente do índice. Estas cinco atividades encampam 73,7% da renda. Sob a perspectiva da representatividade estadual, a batata doce, a moranga, a ervilha o alho e a abóbora do Sudoeste paranaense absorvem um quinhão de 16,2%, 15,2%, 13,2%, 11,6% e 8,2%, em sequência, dos volumes colhidos destas espécies, apontando a densidade destas atividades na região.

Os cinco principais municípios produtores de olerícolas na região concentram 50,8% do mesmo VBP, sendo pela ordem Palmas (29,5%), Coronel Domingos Soares (9,7%), Francisco Beltrão (4,9%), Mangueirinha (3,7%) e Planalto (3,1%).

Considerar que mesmo com participação diminuta na economia rural do Estado, a olericultura tem importância nas regiões e municípios onde está inserida, gerando empregos e renda, tanto no campo como nas cidades nos mais diversos elos das cadeias de produção.

Boletim Semanal 30/2024 – 25 de julho de 2024

TRIGO

**Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

A produção de trigo no Paraná em 2024 deve ser inferior à do ciclo anterior. A estimativa de safra de julho do Deral aponta para uma produção de 3,61 milhões de toneladas, 1% abaixo do 3,64 milhões obtidos em 2023. Ainda em junho, a perspectiva era de uma produção de 3,81 milhões de toneladas, levemente abaixo do potencial em função da estiagem, mas ainda acima da produção de 2023. Porém, como a estiagem se prolongou depois do levantamento feito em 24/06, parte das lavouras teve o desenvolvimento ainda mais limitado, com poucos perfilhos e baixa área foliar, além de espigas menores que o padrão. Esta situação limitou muito a produtividade das lavouras, especialmente no Norte do Paraná, fazendo com que as perdas já representem 6% do potencial inicial.

Apesar dos indicativos de perda, cabe ressaltar que a colheita ainda não começou, o que torna difícil a projeção com segurança do volume a ser obtido. As colhedoras devem entrar a campo no próximo mês, colhendo inicialmente as áreas mais problemáticas, que enfrentaram o maior período de estiagem. A partir dos resultados destas áreas haverá maior

confiabilidade nos números, que deverão vir ajustados no levantamento divulgado no dia 29/08.

A área ocupada pela cultura, por sua vez, foi revisada para 1,16 milhão de hectares, o que representa um decréscimo de 18% em relação à área colhida em 2023 (1,42 milhão de ha).

Os demais grãos de inverno foram menos impactados pela estiagem que o trigo, e ainda podem apresentar produções dentro do esperado, apesar de que algumas lavouras pontualmente também sofreram com a seca. Isso acontece porque a concentração destas lavouras é no Sul e Sudoeste paranaense, regiões onde a seca não foi tão severa, tanto devido à disponibilidade hídrica de maio quanto devido às precipitações ocorridas em junho.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A colheita da segunda safra de milho 2023/24 atingiu 76% de uma área total de 2,5 milhões de hectares. A média de colheita percentual das últimas 10 safras é de 30% para o fechamento do mês de julho. Historicamente não é comum um volume expressivo de colheita já no mês de julho, contudo nesta safra é algo normal, pois foi

Boletim Semanal 30/2024 – 25 de julho de 2024

possível o plantio já no início do zoneamento agrícola, especialmente na região Oeste do Estado que tem pouco mais de um terço da área total de milho.

O Deral revisou a área plantada para esta safra e, em comparação ao último relatório de junho, houve um incremento de 90 mil hectares. Já o total da área plantada comparada à safra anterior apresenta um avanço de 5,2%.

A produção esperada nesta safra também foi revisada, neste momento espera-se que sejam produzidas 12,96 milhões de toneladas, uma redução de 9,1% quando comparado à safra anterior. A perda no campo nesta safra está estimada em 2,36 milhões de toneladas ou 15,4%.

CARNE BOVINA

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Segundo o Cepea, o primeiro semestre de 2024 registrou recorde na disponibilidade de carne bovina no mercado interno, o que se refletiu nos preços no comparativo janeiro – junho. Segundo dados da Secex e do IBGE, o volume de carne disponível foi de 3,58 milhões de toneladas, um aumento de 14,4% em relação ao ano anterior. No Paraná, a queda de preço na arroba do boi gordo desde o primeiro mês do ano foi de 7,6%. Com a

menor disponibilidade de bovinos prontos para o abate e uma alta no consumo, os dados de julho podem mostrar um aumento de preço, ainda que moderado.

Para o mercado externo, o Brasil enviou 27,1% mais carne bovina no primeiro semestre de 2024 do que no mesmo período de 2023, superando o recorde estabelecido no ano passado. A desvalorização do real ante o dólar tornou a carne brasileira mais competitiva no exterior, estimulando as exportações.

PEIXES

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A exportação de pescados no primeiro semestre de 2024 pelo Paraná totalizou 3,26 mil toneladas, apresentando uma alta de mais de 20% quando comparado ao mesmo período de 2023. O montante financeiro transacionado chegou a 16,3 milhões de dólares, uma alta de 82% comparativamente ao primeiro semestre de 2023. O principal item exportado pelo Paraná é a tilápia, que representa quase a totalidade do volume, pouco mais de 99%.

No cenário nacional as exportações de pescados tiveram uma queda. Foram exportados no primeiro semestre 25,9 mil toneladas, queda de 12,8% quando

Boletim Semanal 30/2024 – 25 de julho de 2024

comparado a 2023. O montante financeiro ficou ligeiramente maior, chegando a 149,6 milhões de dólares.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

De acordo com dados do Agrostat/MAPA, em 2024 o Paraná apresentou o segundo melhor primeiro semestre de sua história em exportações de carne suína, desde o início da série histórica em 1997. No período de janeiro a junho de 2024 foram exportadas aproximadamente 79 mil toneladas de carne suína, ligeiramente abaixo do recorde histórico de 81 mil toneladas alcançado no primeiro semestre de 2023 (-1%).

A redução em relação a 2023 foi influenciada pela diminuição das exportações de carne suína para importantes parceiros comerciais do Paraná, como: Hong Kong (-34%), principal comprador; Argentina (-52%); Uruguai (-9%); e Albânia (-69%). No entanto, esse declínio foi compensado pelo excelente desempenho nas exportações para outros países, como: Vietnã (+69%); Geórgia (+41%); Angola (+29%); Cuba (+152%); Costa do Marfim (+93%); e República Dominicana, que estreou como importador de carne suína do Paraná em 2024 e já

figura entre os dez principais destinos em termos de volume.

O Brasil, por sua vez, registrou o melhor primeiro semestre da história, com a exportação de aproximadamente 590 mil toneladas de carne suína, um aumento de 2% em relação a 2023, quando foram exportadas cerca de 579 mil toneladas. O desempenho foi impulsionado principalmente por Santa Catarina, o maior exportador nacional de carne suína, que atingiu um recorde de 331 mil toneladas exportadas no período, um aumento de 4% em comparação ao ano anterior.

FRANGO

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, considerando o primeiro semestre de 2024, as exportações brasileiras de carne de frango diminuíram 10,1% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 4,560 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2023 (US\$ 5,071 bilhões). Já em termos de quantidade exportada houve um decréscimo de 1,3% (2024: 2.527.707 toneladas e 2023: 2.562.032 t).

No período analisado, o país exportou 97,5% de carne de frango na forma

Boletim Semanal 30/2024 – 25 de julho de 2024

“in natura” - inteiros e cortes e apenas 2,5%, na forma de industrializados (62.414 t).

Observou-se uma retração de 1,6% no volume de carne de frango “in natura” exportada: 2024 (2.465.293 t) e 2023 (2.504.139 t). Do lado do faturamento do produto “in natura”, houve uma queda de 10,7% no primeiro semestre do ano em curso (2024: US\$ 4,356 bilhões e 2023: US\$ 4,878 bilhões). O menor faturamento foi resultado de menos volume exportado (-1,6%) e queda de 9,3% no preço médio da carne de frango “in natura” exportada (2024: US\$ 1.766,96/t e 2023: US\$ 1.948,07/t).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2024 (jan. a jun.) foram (volume / faturamento): 1º - China (276.094 t e US\$ 600,900 milhões), 2º - Emirados Árabes Unidos (240.169 t e US\$ 478,271 milhões), 3º - Japão (214.249 t e US\$ 411,985 milhões), 4º - Arábia Saudita (206.080 t e US\$ 431,657 milhões), e 5º – África do Sul (168.075 t e US\$ 90,241 milhões). O desempenho dos principais países importadores foram (t): China (-29,3%); Emirados Árabes (+20,4%), Japão (-2,5%), Arábia Saudita (+16,7%), e África do Sul (-11,3%).

No Paraná, ocorreu uma retração tanto no volume exportado total (-1,2%), como no faturamento (-4,6%). Os números

do primeiro semestre foram: 2024 (volume: 1.076.674 t / faturamento: US\$ 1,907 bilhão) e 2023 (volume: 1.089.279 t / faturamento: US\$ 1,998 bilhão). Para a carne de frango “in natura” paranaense observa-se uma queda no preço médio exportado, da ordem de 3,8% (2024: US\$ 1.737,38/t e 2023: US\$ 1.806,93/t).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador) nos primeiros seis meses de 2024 continua destacando-se no contexto nacional, com participação de 42,6% do volume exportado pelo Brasil e com 41,8% da receita cambial. Os outros dois principais produtores e exportadores, tem a seguinte participação (volume e faturamento): Santa Catarina (22,3% e 23,5%) e Rio Grande do Sul (14,0% e 13,8%).